
SÍSIFO E A PERCEPÇÃO DA REALIDADE TRÁGICA PELA SENSIBILIDADE ABSURDA

João Luis Pereira Ourique¹

Marco Vinício Pereira do Espírito Santo²

Resumo: O presente artigo pretende, partindo de uma abordagem interdisciplinar da literatura, filosofia e história explorar as causas que convidam a humanidade à reflexão de sua condição no mundo. Primeiramente retomaremos alguns acontecimentos históricos importantes, que contribuíram para o despertar da *sensibilidade absurda*. Dialogaremos com alguns dos principais nomes, os quais foram citados em O mito de Sísifo e a quem o próprio Albert Camus se diz devedor. Dentre eles está o escritor russo Fiódor Dostoiévski, cuja obra apresenta uma profunda reflexão sobre a existência e comportamento humano no mundo. Pontuaremos as análises a partir das reflexões dos filósofos Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Palavras-chave: Raciocínio absurdo, angústia, existencialismo e liberdade.

Abstract: This article intends, starting from the viewpoint of literature, philosophy and history to explore the causes that lead humanity to reflect their status in the world. First, we will resume some important historical events that contributed to the awakening of the absurd sensitivity. We dialogue with some major names, which were cited in The Myth of Sisyphus, to which Albert Camus himself is said debtor. Among them is the Russian writer Fyodor Dostoevsky, whose work has a profound reflection on human existence and behavior in the world. We yet will highlight some reflections of the philosophers Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Keywords: Absurd reasoning, anguish, existentialism and freedom

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: jlourique@yahoo.com.br.

² Bolsista PIBIC/CNPq/UFPel. E-mail: marco.espiritosanto@gmail.com.

Antes de nos determos especificamente no tema do raciocínio absurdo em Camus, faremos uma contextualização histórica, para compreendermos a origem das questões que são caras ao existencialismo e que ganham novas formas no século XX. A sensibilidade absurda³, trabalhada em o Mito de Sísifo, como afirmou o próprio Camus, deve muito a certos “espíritos contemporâneos”, tais como Dostoiévski. Camus aponta os personagens do escritor Russo como modernos por excelência. O termo moderno é utilizado em contraste ao clássico, se estes se nutriam da problemática metafísica, aos modernos interessa os problemas de ordem moral, mergulham nestas questões sem temer o ridículo. Para eles a sensibilidade absurda permite conceber a realidade como trágica, o objetivo humano passa a ser, desde então, a vida em sua plenitude a liberdade absoluta, alcançar a harmonia eterna, resgatar a unidade perdida e o paraíso aqui na terra, e sobre tudo, curar de uma vez por todas a humanidade do erro e do engano a que esteve submetida. Kírilov⁴, é apontado por Camus como sendo um personagem absurdo, aquele que volta-se para a vida com uma indiferença lúcida, como senhor de sua existência, uma existência cujos objetivos pré-definidos foram minados pela razão, frente a qual a antiga ordem moral desmorona. E é nesse *desmoronar do mundo* que o homem se vê perambulando entre ruínas e a realidade lhe parece absurda e sem possibilidade de compreensão.

O tema apresentado pelo escritor russo precede o *grito* de Nietzsche anunciando a “morte de deus”⁵. O terreno para tais reflexões foi sendo preparado prenhe de acontecimentos de grande influência no processo histórico. A exemplo poderíamos referenciar o processo de reformas religiosas cujo início remonta ao século XVI, quando o monge Martinho Lutero contesta

³Por sensibilidade absurda entendemos a sensibilidade para com a existência.

⁴Personagem do livro *Demônios*, de Dostoiévski.

⁵O conceito da morte *de deus* em Nietzsche anuncia um acontecimento cultural. Com esta frase o filósofo anunciava o fim dos fundamentos transcendentais da existência. Deus não mais será justificativa e fonte de valores para o mundo, tanto na civilização quanto na vida das pessoas.

os dogmas da Igreja Católica. No ano de 1517, insatisfeito com a situação da Igreja de sua época, publicou na porta da catedral de Wittenberg as suas 95 teses.

Físico e astrônomo, Galileu Galilei, também vive no século XVI, nascido na cidade de Pisa, Itália, no dia 15 de fevereiro de 1564, considerado um dos fundadores do método experimental e da ciência moderna. Galileu colocou em questão verdades tidas até então como absolutas, e questionou a fim de entendê-las. O telescópio, instrumento já existente, mas até então utilizado para fins bélicos, ganha outra função nas mãos deste cientista. Galileu o aperfeiçoa e aponta-o para o céu. Neste simples gesto, reside o pioneirismo deste homem e o embrião do método científico moderno, basicamente Galileu partia da observação dos fenômenos e análise dos elementos que o constituíam. Para CAPRA (2006, p.49), “...Os cientistas medievais, investigando os desígnios subjacentes nos vários fenômenos naturais, consideravam do mais alto significado as questões referentes a Deus, à alma humana e à ética”. Entretanto a partir do século XVI essa visão de mundo foi substituída, em seu lugar é introduzida a noção de mundo tal como uma máquina, e o paradigma Teocêntrico dá espaço para o Antropocêntrico ou newtoniano-cartesiano, conhecido ainda como mecanicismo. A ciência medieval aos poucos é substituída por um novo modelo de ciência baseado em um novo método de investigação, estabelecido dentre outros pelos seguintes pensadores: Francis Bacon, Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton.

Temos então o primeiro questionamento a cerca da interpretação do milenar dogma cristão, bem como outro olhar a cerca da posição da terra no universo. Em verdade Copérnico desenvolve a teoria, mas foi Galileu a comprovar que a Terra não era o centro, mas, tão somente, um dos muitos corpos celestes que se movem no universo. De seu centro, onde julgávamos nos encontrar, passamos a residir em um dos seus muitos confins. Séculos depois Sigmund Freud citaria a descoberta do sistema heliocêntrico, como a primeira das três desilusões ou mágoas da humanidade, que o psicanalista chamaria de *feridas narcísicas* (as outras duas seriam a teoria evolucionista e o inconsciente que influencia os atos e as condutas humanas – uma quarta ferida

ainda é possível ser percebida a partir do *mal-estar da cultura*, do rompimento violento contra as opressões do espírito e da consciência).

O pensamento moderno se solidifica, ataca e coloca-se como opção ao período clássico. Conforme (SAVIAN, 2008) o pensamento filosófico, na modernidade, isto é, nos séculos XVI-XVIII, foi marcado por uma atitude de crítica do pensamento antigo e medieval. O questionamento e a dúvida ganham espaço e credibilidade no século XVI, mas somente mais tarde ela será internalizada e ganhará método. Um século depois a dúvida será ancorada no *cógito cartesiano*, marco de nascimento da filosofia moderna. Embora Deus seja basilar na filosofia de Descartes, a crença absoluta no transcendente como fonte de orientação para os destinos humanos, começa a se dissipar na cultura ocidental ao mesmo tempo em que a dúvida e o racionalismo ganham espaço. Está surgindo uma maneira diferente de fazer filosofia, nessa nova maneira, Deus torna-se um recurso para sustentar a razão.

O século XVIII é o palco das revoluções contra os regimes absolutistas, a razão é apontada como o melhor guia humano e a liberdade torna-se, sem dúvida, um dos conceitos centrais das teorizações políticas. Entretanto, ao mesmo tempo em que a fé se dissipa, o culto a razão ganha espaço, a técnica toma o lugar da manufatura, a terra o do paraíso e o Homem o lugar de Deus.

Se por um lado, a humanidade vê falsear seu apoio no divino, por outro busca no racional o amparo, desenvolve uma verdadeira fé na ciência, por meio dela busca conhecer-se, nela busca os rumos para a vida, uma vez que Deus não mais permanece como garantia da singularidade e eternidade humana.

O século XX foi o século das consequências da “morte de Deus”. Não só a ciência despreendeu-se definitivamente de qualquer apelo ao metafísico, como a maioria das constituições políticas dos regimes emergentes afirmaram sua posição secular e agnóstica, separando-se das doutrinas religiosas.

Em tom profético em *Ecce Homo*, Nietzsche já havia “previsto” os séculos vindouros: “Haverá guerras como nunca dantes houve na terra”. A crença em Deus se dissipou, mas nada foi colocado em seu lugar e a humanidade sentirá o peso dessa ausência. O aforisma 125 da *Gaia Ciência* não se trata de uma teoria, mas de um acontecimento. Nesta passagem, Nietzsche menciona “morte de Deus”, por intermédio das palavras do “homem louco”, referindo-se a uma realidade histórica concreta. O Deus que morreu, na opinião do filósofo, é o Deus até então vivo na tradição metafísica e religiosa do Ocidente cristão. Ou seja, Nietzsche, que por seu tom irônico é mal interpretado, faz o anúncio como crítica à modernidade e suas novas perspectivas racionalistas para o pensamento.

Em 1914, as explosões nos fronts de batalha anunciam a primeira grande guerra, pondo fim a chamada *Belle Époque*⁶. Os gases venenosos não sufocam apenas o frágil corpo humano, a guerra emprega, para matar de forma eficaz, tudo que até então o conhecimento científico havia produzido, o mesmo cientificismo que o homem escolheu e confiou como guia de seu destino terreno agora destorça-lhe o corpo e o reduz a cinzas. Nessa direção, Walter Benjamin afirmava que a “guerra vindoura terá um *front spectral*. Um *front* que será deslocado fantasmagoricamente ora para esta ora para aquela metrópole, para suas ruas, diante da porta de cada uma de suas casas.” (2013, p. 53).

Em 1939, pouco mais de uma década anos após a reflexão de Walter Benjamin, eclode a II Grande Guerra cujo poder de destruição superaria a expectativa de Benjaminiana. O conflito chega ao fim com o desenvolvimento bélico extremado, lança a incerteza no amanhã de cada ser humano, o fruto do desenvolvimento científico pode ser o fim do mundo. Como seguir em frente, como orientar a vida em meio aos escombros que suplantaram inclusive os valores morais? Qual o sentido da existência, uma vez que não há mais um Deus a velar pelos destinos e o apego ao cientificismo mostrou-se um erro?

⁶ A Belle Époque é normalmente compreendida como um período histórico francês o qual seu início no final do século XIX, por volta de 1880, e se estendeu até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Em verdade não é possível demarcar tão rigorosamente seus limites, uma vez que ela é mais um estado espiritual do que algo mais preciso e concreto.

É neste terreno que o existencialismo contemporâneo se solidifica. Alguns intelectuais alinhados a corrente existencialista estão envolvidos nos processos revolucionários combatendo os países colonialistas pelos quais estão subjugados. É neste período de repressão que as reflexões vislumbram a liberdade.

A ciência produziu armas nucleares cujo poder de destruição pode acabar com o mundo no dia seguinte. Pensa-se na mortalidade e na finitude humana, em suma, pensasse na *condição humana*.⁷ É neste período que se solidifica a Escola de Frankfurt, reunindo um círculo de filósofos e cientistas sociais de mentalidade marxista. Os pensadores desta escola desenvolvem a conhecida Teoria Crítica da Sociedade. Entre os principais nomes que compunham este círculo estava Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. As críticas desta Escola voltavam-se ao saber racional colocado em pauta desde o Iluminismo. É neste mundo do pós-guerra que Adorno pensa o papel da arte na realidade social, uma realidade *in-significante*, onde o valor da arte se torna tanto maior quanto mais ela apresentar o real sem idealização. É preciso uma arte que problematize e possua um ideal social, é preciso que ela apresente o real com todas as suas contradições, caso não o faça, torna-se uma arte enganosa.

É neste contexto histórico e com esse ideal de crítica social e engajamento com as causas de seu tempo que Albert Camus escreve o Mito de Sísifo. Neste texto o escritor retoma um mito grego para problematizar a condição do homem no mundo e promover o que ficaria conhecido como “*A revolta metafísica*”. Explica Camus que a vida dos homens era tal como o castigo de Sísifo⁸: seguir uma rotina diária, sem sentido próprio, a falta de

⁷Por condição humana entende-se o que diz respeito às formas de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver. São condições que tendem a suprir a existência do homem. As condições variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte.

⁸Por enganar os Deuses, Sísifo recebeu uma punição exemplar: seu castigo consistia em rolar diariamente uma pedra montanha acima até o cume. Ao chegar ao topo, a pedra rolava novamente até o sopé da montanha e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre.

sentido se dava pela aceitação das diretrizes da religião e do sistema capitalista de produção. No mundo administrado, a vida cede espaço para a rotina que se resume a levantar de manhã, trabalhar, comer e reproduzir-se. Tal rotina não possui sentido inteligível já que se refere a modos de pensar que se impõem ao indivíduo sem que ele participe da estruturação desse estilo de vida, como se não houvessem escolhas a serem feitas. Frente a percepção desta monotonia e falta de sentido na existência, alguns entendem que o mais sensato a se fazer quando a razão concebe essa total insignificância, é o suicídio.

O autor parte da afirmação de que “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia.” (CAMUS, 1941). Entende-se que para o autor, as questões mais importantes são aquelas que dizem respeito ao significado da vida ou a sua falta, ou seja, a filosofia sai do campo das indagações e adentra ao campo do possível, lugar onde agora a humanidade precisa orientar-se.

Se anteriormente tratava-se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida, para Camus parece pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Em O mito de Sísifo a ênfase de Camus recai sobre a natureza absurda da existência e em como lidar com ela e continuar vivendo. Neste ponto reside a singularidade de seu pensamento.

O ente humano encontra-se face a face com o irracional. Ele sente dentro de si sua aspiração por razão e felicidade. O absurdo nasce desse confronto entre a necessidade humana e o silêncio desarrazoado do mundo. Isso não pode ser esquecido, porque toda consequência de uma vida pode depender disso. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que nascem de seu encontro. Esses são os três componentes do drama (...) (Mito de Sísifo: 31-32)

Aqui notamos com clareza o conceito de absurdidade, entendemos que tal conceito consiste no abismo entre o que esperamos da vida e o que de fato encontramos nela. Não há, seja na vida ou no mundo, uma ordem harmoniosa

ou mesmo a perfeição que se imaginava. A intenção de Camus não é aliviar a humanidade do peso dessa existência apontada como absurda, mas sim encorajar a desistir da busca por evidência de razoabilidade no mundo. É preciso permanecer *estrangeiro*, fixando-se no campo do possível, abandonando as premissas da razão iluminista que, segundo a Teoria Crítica da Sociedade, teria alienado o homem de sua própria condição.

O raciocínio absurdo conduz à compreensão de que todo o ser está condenado a não completar nada, a realidade é portanto sem sentido. Sísifo desprezou os deuses, odiou a Morte. Em suma, o personagem viveu sua paixão pela vida, embora esse gesto lhe tenha valido a condenação eterna. A sua postura diante da existência lhe rende o alcunho de herói absurdo, uma vez que amou as coisas terrenas e desprezou o poder dos deuses.

A mais urgente das respostas, segundo Camus, é aquela que responde ao questionamento sobre o sentido da vida. Tal questionamento adentra a consciência quando o homem descobre-se um instante fugaz que perambula entre os escombros de um passado e as incertezas de um futuro. Enquanto que a visão linear da história e a crença em Deus, como origem e destino do homem permaneciam inabaláveis, acreditava-se na continuação da vida após a morte, nisso encontrava-se o alento para o viver. No entanto, agora, no silêncio do coração humano a milenar certeza estava minada e ao olhar para frente, ao refletir a humanidade deparava-se com um abismo, em suma enxergava o crepúsculo derradeiro de seu existir no mundo. As palavras de Camus enfatizam que o começar a pensar é começar a ser minado.

A condenação das antigas certezas coincidia com a condenação do homem para o qual a sentença era a liberdade. Uma liberdade que permitia ser Deus, não o Deus metafísico, mas ser livre sobre esta terra, sem servir um ser imortal onisciente e onipresente. Entretanto, a liberdade traz implicações, uma delas é a angústia, tal sentimento se instala quando o indivíduo precisa optar por uma dentre as inumeráveis possibilidades de viver. O ato de a humanidade voltar a inteligência para a existência, buscando suas razões, balançou a vida ancorada no hábito, quem não vive pelo hábito de viver precisa decidir e

inventar o próprio destino ou como bem afirmou Sartre; (...) eis livre, ou seja, inventa. (SARTRE, 1970). Ao deparar-se com as escolhas depara-se com o sentimento angustiante, afinal só se vive uma vez e ao mesmo tempo em que opta por um caminho outros inúmeros são deixados de lado.

Segundo Camus (1941), um mundo que se pode explicar mesmo com poucas razões é um mundo familiar. Todavia, as poucas razões foram dissipadas. O terreno foi cedendo pelo solapar do cientificismo, assim o mundo não é mais familiar ao homem, que nele torna-se um estrangeiro, um exilado. Para este exilado não há lembranças consoladoras, pois a lembrança do antigo lar lhe é opaca e sem sentido.

A terra agora é o lar de estrangeiros. Este lar foi sendo lapidado no instante em que Copérnico e Galileu mostraram que a velha pátria humana que antes era o centro, agora orbitava os confins do universo. É estrangeiro porque os valores sacrais norteadores da vida foram colocados sob o crivo da dúvida, se antes a humanidade via sua jornada repleta de certezas e guias, agora não vê nada que lhe possa orientar. Essa modernidade, filha pródiga do iluminismo e berço da ciência é também o ventre da mais silenciosa das doenças, a depressão, a tristeza profunda, dor sem febre, que aflige a humanidade apartada das ilusões que alentavam seu viver no mundo.

Contemporâneo de Camus, o filósofo Jean Paul Sartre, apresenta para o homem uma perspectiva otimista diante da vida, colocando-o como responsável por suas ações e escolhas.

(...) é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuada de que nada pode salvá-lo de si mesmo... Neste sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação (...) (SARTRE, 1970, p. 22).

Sartre aponta para o *projeto de vida* com um sentido de ação. Theodor Adorno em seu texto *Engagement* (1965) tece várias críticas à literatura sartreana, sobretudo ao conceito de engajamento. A crítica de Adorno à literatura engajada de Sartre, foca principalmente em suas peças de teatro.

Adorno afirma que tais textos se esforçam por uma atitude: a de decisão como condição do existir frente à neutralidade espectral. Em outras palavras, a obra apresenta-se como pronta, como conteúdo a ser recebido pelo espectador. Assim a liberdade aparece de forma prescritiva e exemplificada e conseqüentemente seria uma não liberdade.

(...) elas servem mal como organogramas de seu próprio existencialismo, porque contêm em si em nome da verdade, todo o mundo controlado que o existencialismo quer ignorar, mas não consegue enquanto conceitos demonstrados na peça, pois o que ela mostra é a não-liberdade (ADORNO,[1965]2003, p.55).

Segundo Adorno, a liberdade não pode seguir nem roteiros, nem controle, ou direção, se assim o faz, não é mais liberdade. Em contraponto a Sartre na obra de Camus, não há espaço para o projeto de vida sartreano, pois segundo o escritor argelino, viver não para a própria vida, mas, para alguma grande ideia que a ultrapassa ou sublima a existência lhe dando um sentido é a *atraiçoar-se*. (CAMUS, 1941)

Para o homem absurdo não há projeto possível “o sentimento de absurdidade para, com o desvio de uma rua qualquer pode se meter na cabeça de um homem qualquer” (CAMUS, 1941). Mas se de repente a sensibilidade absurda percebe o mundo como incompreensível, cabe-nos perguntar qual atitude cabível diante da vida?

A frase de Píndaro, citada por Camus no início da obra, nos fornece uma pista valiosa e que vale ser explorada. “Ó minha alma, não aspira a imortalidade: Esgota o campo do possível” (CAMUS, 1941). Aspirar à imortalidade, eleger um projeto e viver para uma grande ideia sem dúvidas torna a vida sublime e lhes dá um sentido, entretanto como acima mencionado, tais atitudes culminam em uma trapaça com a própria existência. Um escape ao clima da absurdidade. Se tivesse sido qualquer uma destas a atitude de Sísifo, ele não teria esgotado o campo do possível, e ele sem dúvida o esgotou, inclusive enganando a morte e retornando ao mundo dos vivos em

uma atitude afirmativa frente à vida terrena, Sísifo foi um herói absurdo por ter vivido sem apelo ao transcendente, desafiou a indiferença que o mundo lhe oferecia. Viver como Sísifo é abraçar a vida o mais plenamente possível, mas sem nunca se deixar levar, esquecer ou negar a ausência de fundamentos racionais para a mesma.

Adorno, bem como outros intelectuais da Escola de Frankfurt, a exemplo de Walter Benjamim vislumbrava uma sociedade diferente daquela na qual viviam, guiada pelo racionalismo. Em sua visão linear da história a humanidade chegaria ao paraíso socialista, a conhecida sociedade sem classes, tal como preconizava Karl Marx (1818- 1883). Para atingir tal objetivo, a consciência que conduz o homem precisa ser ampliada. Para este ampliar da consciência humana, Adorno vê na arte, um papel fundamental, a ela cabe refletir o real e projetar o ideal do bem. Em Adorno, a arte engajada é aquela que problematiza o mundo, que apresenta suas contradições e suas cenas falsas. Assim promove a conscientização da sociedade, neste ato de conscientizar-se das mazelas, antes ocultas, a humanidade se revolta e nesta revolta reside o passo para sua libertação.

A revolta, é tema recorrente na obra de Camus, tal tema surge de sua honestidade intelectual e moral para com o mundo, tal posição força a reconhecer que tudo é vazio de significado, é absurdo, tão absurdo que o homem se precipita para o abismo em direção a morte voluntária por consequência de uma vida sem significado. Camus exige do homem para o mundo uma atitude de honestidade, honestidade esta que não esteve presente nas atitudes teóricas ou práticas da humanidade que habilmente viveu pelo hábito ou por ideias que ultrapassam a vida.

Entendemos que a forma como questões sobre a existência são apresentadas na obra de Camus, representam o verdadeiro engajamento artístico defendido por Adorno, enquanto este aponta para um mundo *in-significante*, Camus aponta para uma realidade absurda. Em suma O mito de Sísifo problematiza a realidade e distancia-nos das cenas falsas que conduzem vidas norteadas pelo hábito. Como dissemos a cima é prenehe abraçar a vida o mais plenamente possível, mas sem nunca esquecer ou negar a ausência de algum fundamento racional para a mesma.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 6ª ed. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 8ª ed. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária, , 1997
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- BENJAMIN, Walter. As armas do futuro. In: Walter Benjamim. **O capitalismo como religião**; Michael Löwy (org); Schneider, Nélio; Tradução de Renato Pompeu. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CAMUS, Albert. **O mito de sísifo**. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf>. Acessado em: 09 de dezembro de 2013.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Camus, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2010.138p.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, SP: Martins fontes, 2001. Disponível em: <http://www.josenorberto.com.br/DESCARTES_Discurso_do_m%C3%A9todo_Completo.pdf>. Acessado em: 01 de outubro de 2013
- FREUD, S. **O Futuro de Uma Ilusão**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamim**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.*
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. 8 Ed. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2001.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 4ª edição. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo. Editorial Presença. 1970
- SAVIAN FILHO, Juvenal. **Deus**. São Paulo:Globo, 2008